

**EDUARDO DA CRUZ & TANIA MARIA BESSONE DA
CRUZ FERREIRA (ORGS.). NO GIRO DO MUNDO. OS
PERIÓDICOS DO SÉCULO XIX NO REAL GABINETE
DE LEITURA**

Vol. II, Rio de Janeiro: Real Gabinete Português de Leitura,
2015. 110 pp.

Sérgio Guimarães de Sousa*
spgsousa@ilch.uminho.pt

O Real Gabinete Português de Leitura, seguramente a maior biblioteca da América Latina e uma das maiores do planeta, segundo a UNESCO, possui, não sofre dúvida, diversos acervos verdadeiramente impressionantes. Boa porção desse preciosíssimo (o superlativo faz aqui todo o sentido) espólio, cujo valor em termos de representatividade histórico-cultural se afigura inquestionável, é composto por documentos raros e, como seria de esperar, de difícil acesso.

Uma parte dos quais, convirá referir, correm sério risco de irremediável danificação, como é o caso de jornais e revistas portuguesas e brasileiros do século XIX. Ou seja, urge disponibilizá-los por via digital, resgatando-os da fatal deterioração. O que, aliás, está a ser

devidamente feito, cumprindo-se assim uma das missões mais nobres do Real Gabinete (seja-me consentido um parêntesis, já agora, para assinalar, a título de exemplo, que os manuscritos e autógrafos avulsos oitocentistas foram já objeto de tratamento especializado e, graças aos bons préstimos da Fundação Calouste Gulbenkian, encontram-se acessíveis *on-line*). O processo de digitalização, como se compreenderá, dada a vastidão de material, acha-se, porém, ainda longe do fim.

Razão pela qual ganha especial pertinência a edição de um segundo volume de *No Giro do Mundo*, inteiramente dedicado, como sucedia com o precedente (organizado por Eduardo da Cruz, publicado em 2014, e onde o leitor encontrará, entre outros motivos de interesse,

* Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, Braga, Portugal.

a descrição sintética de 45 títulos de periódicos, entretanto, digitalizados), aos periódicos oitocentistas do Real Gabinete. Organizado por Eduardo da Cruz e Tânia Maria Bessone da Cruz Ferreira, não custa perceber a relevância editorial desta publicação, apoiada pelo programa *Petrobras Cultural*. Trata-se, pois, na senda do que sucedia já com o primeiro volume, como se disse, de dar voz à hemeroteca do Real Gabinete. Neste caso, para além de se colocar à disposição do leitor pontual ou pericial material, muito digno de atenção, numa secção intitulada “Recortes do Século XIX” (ou, se se preferir, relatos do quotidiano oitocentista), aposta-se igualmente na pesquisa, o que não acontecia em *No Giro do Mundo* I. Aliás, em boa verdade, a maior porção do livro é precisamente consagrada à divulgação de significativas investigações sobre o acervo (especialmente a imprensa), que é como quem diz: sobre as inquietações sociais e políticas do Brasil e de Portugal no século XIX, sem esquecer, entre outros aspetos merecedores de demorada atenção, a realidade empírica dessa época, o seu quotidiano, feito de dificuldades, como é óbvio, mas também de prazeres, como não é menos evidente. Tudo isto sob o pano de fundo documental da imprensa. Investigações, enfim, desde logo fulcrais tanto para historiadores como para quem estudar cultura e mentalidades,

assinadas, entre outros nomes, por membros do Polo de Pesquisa Luso-Brasileiro, o qual, recorde-se, aglutina investigadores ligados ao grupo interdisciplinar e interinstitucional adstrito ao Centro de Estudos do Real Gabinete.

Como se compreenderá sem dificuldade de maior, não é possível abordar com demora cada texto por razões de espaço. Fiquemo-nos, deste modo, por uma visão (forçosamente) panorâmica da totalidade dos artigos. Assim, Tânia Bessone da Cruz Ferreira (“Comércio de periódicos e livros: o papel dos livreiros”, pp. 8-13) debruça-se sobre o tema da comercialização de livros e periódicos no Rio de Janeiro no século XIX, evidenciando o facto de essa mercantilização remontar à instalação da Corte e se afigurar decisiva nas relações socioculturais entre Portugal e o Brasil; por sua vez, Eduardo da Cruz (“A imprensa luso-brasileira no Rio de Janeiro oitocentista”, pp. 14-33) reportando-se às publicações periódicas da responsabilidade de portugueses no arco temporal que vai de 1830 a 1899, ou seja, naquele período coincidente com a mutação da figura do colonizador em imigrante, reflete sobre as relações estabelecidas entre a referida imprensa e o desenvolvimento local da colónia portuguesa; Luiz Felipe Ventura (“Entre o Real Gabinete e o Rio de Janeiro: alguns elos histórico-culturais”, pp. 34-38), por seu turno,

presta atenção ao modo como o Real Gabinete foi representado em momentos fortes da relação cultural luso-brasileira; Angela Telles (“Bordalo Pinheiro e as relações entre o império do Brasil e a Santa Sé”, pp. 39-45) e Zadig Mariano Figueira Gama (“O *Mosquito* publica anúncios ilustrados: os anúncios de teatro”, pp. 46-53) estudam a colaboração de Rafael Bordalo Pinheiro na imprensa ilustrada do Brasil, a qual se fez sentir tanto ao nível da crítica política como do desenho, ou não fosse Bordalo Pinheiro um dos mais conceituados caricaturistas de Oitocentos; Luciana Salles e Marlon Augusto Barbosa (“O despertar das ruínas: do teor literário à representação da figura feminina”, pp. 54-61), apoiando-se na relação entre literatura e imprensa periódica, analisam o papel da moda ao serviço da construção da identidade feminina no decorrer do século XIX; e ainda sob pano de fundo literário, temos o contributo de Juliana Mariano (“Maria Peregrina de Sousa na imprensa periódica portuguesa”, pp. 62-69), que nos apresenta a obra, dispersa por vários periódicos, da escritora Maria Peregrina de Souza (1809-1894); e, por fim, Maria do Rosário Alves da Conceição (“A receção de *Viagens na Minha Terra* na *Revista Universal Lisbonense*”, pp. 70-80) oferece-nos um rigoroso estudo da receção da obra maior de Garrett, entre os anos

de 1843 e 1845, em artigos publicados na *Revista Universal Lisbonense*. Será escusado dizer que todos estes textos – cientificamente muito consistentes – se revelam indiscutivelmente cruciais para quem desejar perceber mais e melhor o relacionamento, nem sempre fácil, entre Portugal e o Brasil há dois séculos atrás. O qual, note-se, explica muito do que são as atuais relações entre os dois países.

Quanto à acima referida secção “Recortes do Século XIX”, esta recupera folhas volantes que dizem não apenas bem do quotidiano da época, como também, e decerto sobretudo, ilustram as práticas maioritariamente aceites na sociedade desse tempo e no interior de uma comunidade cada vez mais abrangente e complexa: homenagens ao dia dos bombeiros e ao dia dos pais; factos e episódios da vida urbana, com tudo o que implica e supõe tanto em termos de desvantagens como no que se prende com divertimentos cariocas; a fotografia; a lotaria; notícias sobre eleições e política, evidentemente; ou ainda o assunto não menos sério, para não dizer até bem mais sério, da desigualdade e da fome. Vejamos alguns exemplos, escolhidos, confesse-se, um tanto aleatoriamente. Por exemplo, este anúncio, editado na *Revista Ilustrada*, em agosto de 1881, destinado a informar sobre a possibilidade de uma solução suscetível de

suprir as dificuldades da população no domínio sempre complexo dos transportes públicos (numa época, convém recordar, em que a concentração populacional das cidades crescia drasticamente a um ritmo nunca antes visto, causando inevitáveis transtornos de locomoção): “Carro para estrada de ferro puxado a bois. É feito nas acreditadas oficinas dos Srs. Rohër & Irmãos e será por estes oferecido ao Ex.º e paternal governo como uma imagem fiel da nossa atividade na estrada do progresso” (p. 85). Mas não só de dificuldades se pauta uma cidade como o Rio de Janeiro, como é natural. Nela se acha igualmente em muito razoável abundância a diversão, conforme atesta estoutro anúncio (*O Besouro*, 1878), relativo a uma representação d’*O Primo Basílio*, descrita nestes termos: “Comédia em um ato, original de uma hábil pena, representada pela primeira vez no teatro *Phenix Dramática*, em benefício do ator Silva Pereira (inédita – 1878)” (p. 87). E, para satisfazer o desejo dos mais místicos, não faltam sequer, na parte dedicada à cozinha oitocentista, avisados conselhos baseados em superstições populares lusas (o texto, datado de 1880, foi publicado n’*O Positivismo*): “Não é bom deixar um pedaço de pão cortado com os dentes. Uma pessoa, que queira fazer mal a quem fez isto, pode apanhar aquele pão, cravá-lo de alfinetes e dá-lo depois

a comer a um sapo. O sapo fica padecendo, e enquanto não morre, padece a pessoa também, morrendo por fim ambos” (p. 101). Em relação à política, eis, não isenta de humor (o que permite pensar as relações entre humor e cidadania nesse período que é o da afirmação, por excelência, do espaço público), uma definição assaz depreciativa, e quiçá justa, de *eleição*: “jogo de *prendas* mui divertido, no qual o que ganha tem de subir a um poleiro, por uma escada formada dos que se metem no jogo: o chiste está em ganhá-lo sem ter *prendas* para exhibir, iludindo os pobres de espírito” (p. 105).

Não seria justo concluir esta breve recensão sem destacar o cuidado gráfico da publicação, sendo esse cuidado também um dos seus pontos altos. Efetivamente, nota-se a cada página a clara sensibilidade mobilizada no sentido de fornecer ao leitor uma reconstituição, tão fiel quanto possível, do imaginário oitocentista. Deste modo, não somente o tom da cor da página (amarelecida) reenvia para os jornais da época, como a grafia usada nos títulos bem como a reprodução de capas, páginas, fotografias e ilustrações dos jornais e das revistas de então pedem esse reenvio. O leitor, dir-se-ia, quase folheia *No Giro do Mundo* como se estivesse na sala principal do Real Gabinete a consultar documentos originais.